

# Meninas bonitas

Roteiro para a implementação de uma oficina literária que aborde as temáticas da identidade negra e do empoderamento feminino

# Rosa Maria Noronha Dias



# Sumário

Apresentação .....	3
Objetivos do roteiro .....	13
1 <sup>a</sup> etapa - As rodas de leitura .....	15
2 <sup>a</sup> etapa - A criação do texto literário .....	42
3 <sup>a</sup> etapa - A confecção do livro .....	47
Para concluir... e continuar.....	53
Referências bibliográficas .....	57
Anexo .....	58

# Apresentação

*Eu achei bonito o cabelo da Lelê! Carol*

*Ainda tô aprendendo que eu sou bonita de um jeito, ainda tô aprendendo, ainda  
tô me descobrindo ainda. Gabrielly<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> As epígrafes presentes no roteiro são falas de cada menina participante da pesquisa. Para manter o anonimato, foram usados pseudônimos, escolhidos por elas próprias.

Este roteiro é resultado de uma pesquisa de mestrado que foi desenvolvida no ano de 2019 em uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa intitula-se “Meninas bonitas – um estudo sobre empoderamento feminino e relações étnico-raciais no contexto escolar a partir da literatura infantil” e investigou de que forma a literatura infantil pode colaborar na construção de uma identidade mais positiva para as meninas negras. Participei dela como mestrandona do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – PPGEB/CAp-UERJ, sob a orientação da Dra. Helena Maria Marques Araújo. Por tratar-se de um mestrado profissional, o processo da pesquisa e seu resultado foram organizados para se transformarem

num produto educacional, um recurso pedagógico que possa ser compartilhado e vivenciado em outros espaços escolares/educacionais por pessoas que trabalhem com educação formal ou não-formal. Assim sendo, o produto educacional se encontra materializado no presente guia. Este roteiro tem uma proposta inclusiva e agregadora, a qual permite adaptações na sua implementação, de acordo com as necessidades e características do grupo e/ou do dinamizador, desde que mantida sua premissa principal: ser uma ação na linha da educação antirracista a partir da literatura infantil.

Além de ser professora regente de Sala de Leitura da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, também sou contadora de histórias e atuo dinamizando oficinas e apresentando espetáculos de contação. Essas duas atividades - professora de Sala de Leitura e contadora de histórias - vêm me mostrando ao longo destes anos o poder transformador das histórias, tanto para quem as conta quanto para quem as escuta. Busquei pesquisar como a literatura infantil, mais especificamente a literatura infantil afro-brasileira, pode contribuir no processo de empoderamento e de afirmação da identidade das meninas negras. Optei por utilizar a denominação literatura afro-brasileira, no sentido empregado por Souza, Lisboa de Sousa e Pires (2005). Segundo as autoras, esta literatura:

possui uma enunciação coletiva, ou seja, o eu que fala no texto traduz buscas de toda uma coletividade negra; propõe (e se propõe como) uma releitura da história de nosso país; traduz uma ressignificação da memória do povo negro brasileiro; realiza fissuras nos textos que representam o discurso hegemônico da nacionalidade brasileira; se caracteriza por um processo de reterritorialização da linguagem, ocupando lugares e desmontando estereótipos; se configura como narrativa quilombola, porque realiza verdadeiras manobras de resistência: é pouco disseminada e sofre boicote de editores e distribuidores; no entanto, sua produção é constante e bem extensa (SOUZA, LISBOA DE SOUZA e PIRES, 2005, p. 3-4).

O objetivo foi desenvolver uma escuta sobre como as meninas poderiam ser afetadas pelas histórias ouvidas e se estas histórias poderiam servir como um impulsionador para mudanças na percepção que as meninas teriam sobre a negritude. As interrogações motivadoras da pesquisa foram:

**1 - Quem se considera negra?**

**2 - Ser negra é ser bonita?**

**3 - Quem é negra, tem que mudar alguma coisa em si para se sentir bonita ou para ser bonita aos olhos dos outros?**

**4 - Conhecer a história dos povos advindos da Diáspora Africana é fator importante no empoderamento das meninas negras?**

A pesquisa foi desenvolvida a partir da metodologia da pesquisa-ação. Mais especificamente, esta refere-se à pesquisa-ação crítica, onde a necessidade de transformação do grupo passa a ser sentida a partir dos primeiros encontros com o pesquisador, o qual propicia formas do grupo colocar suas inquietações e buscar juntos maneiras de mudar a realidade vivenciada. Após a primeira fase da pesquisa, que foi a leitura dos livros

selecionados, as participantes da pesquisa foram provocadas a escrever também um livro que tocasse outros leitores, outras meninas bonitas, como elas foram tocadas. Foram selecionadas como sujeitos de pesquisa alunas do quinto ano da referida escola. Esse grupo foi escolhido pela familiaridade maior que tem com a leitura e por ainda estar próximo da infância, em plena construção de sua identidade, o que não quer dizer que esta construção também não ocorra em outras fases da vida. Esta é uma pesquisa com recorte interseccional, ou seja, são levadas em consideração questões relativas à raça/etnia e gênero, buscando os pontos de contato entre estas e a literatura como força propulsora na

construção identitária. No entanto, apesar de ter delimitado os sujeitos da pesquisa por sexo e a justificativa para esta escolha ter sido explicitada no corpo desta dissertação, não foram utilizados raça, fenótipo, auto declaração ou afins como critérios de delimitação dos sujeitos. Parti do princípio de que seria proveitoso participarem da pesquisa meninas pretas, mestiças e brancas para que, afetadas ou não diretamente pelas questões, pudessem estabelecer diálogos entre suas vivências e enriquecessem o processo. Aliás, a escolha de meninas que se declarem brancas em participar de um grupo que vai discutir identidade negra e empoderamento feminino, já pode mostrar o quanto elas se sentem, de alguma forma, envolvidas com a temática.

Inicialmente o grupo foi formado por treze alunas e os encontros aconteceram entre os meses de março a maio de 2019. Apenas uma aluna saiu, logo no início, pois seus pais se mudaram para outro município. O grupo seguiu com doze alunas e teve uma frequência muito boa. Após esta breve apresentação, o guia segue destacando seus objetivos e detalhando as etapas que compõem o processo da pesquisa, que pode ser desenvolvida como uma oficina literária por educadores que desejem multiplicar ações antirracistas e colaborar na discussão das relações étnico-raciais dentro do ambiente escolar e em contextos educacionais não formais ou não escolares, colaborando também com a

implementação da lei 10.639/03, que valoriza a história e a cultura afro-brasileira e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Rosa Maria Noronha Dias<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Mestre em Educação pelo PPGEB-CApUERJ, pós-graduada em Psicologia Clínica-hospitalar pela UERJ/HUPE, graduada em Psicologia pela UERJ, professora da rede pública da SME-RJ, contadora de histórias e escritora.

# Objetivos do roteiro

*Tem pessoa negra que odeia pessoa negra. Jennifer  
Gostei dessa história (O mundo no black power de Tayó) porque cada dia ela fazia um  
penteado diferente. July*

- Promover a implementação da lei 10.639/03, que obriga o ensino da História e Cultura Afro-brasileira em estabelecimentos educacionais no ensino fundamental e médio;
- Compartilhar uma ação antirracista desenvolvida no ambiente escolar;
- Estimular outros educadores a apropriarem-se dessa experiência e repetirem em seus espaços educativos, adequando em maior ou menor grau às suas realidades;
- Fomentar o desenvolvimento de outras ações de educação antirracistas, dentro e fora da escola, a partir da reflexão sobre a prática;
- Ratificar o texto literário como agente propulsor de mudanças e reflexões na dimensão da educação antirracista.

# 1<sup>a</sup> etapa - As rodas de leitura

*Agora eu venho pra escola de cabelo solto. Antes eu prendia, achava feio. Laradin  
Eu quis entrar (na pesquisa) assim, porque eu já estava no último ano e eu queria saber mais  
sobre esse tipo de coisa... Luna*

Foram realizados catorze encontros, com duração aproximada de uma hora. Aconteceram uma média de dois encontros por semana, respeitados pequenos ajustes necessários em função de feriados ou do calendário escolar. Os encontros aconteceram no mesmo turno de aula das alunas. No entanto, houve a parceria das professoras, que organizaram estratégias para que elas não fossem prejudicadas. Como informado anteriormente, as alunas frequentavam o quinto ano do primeiro segmento do ensino fundamental e a faixa etária do grupo, composto por doze meninas, era entre nove a onze anos.

Acredito que questões como periodicidade e quantidade dos encontros, além do número de participantes e faixa etária destes podem sofrer adaptações, com o cuidado de não acabar por descaracterizar a proposta ou prejudicar a eficiência do processo.

A roda de leitura, prática pedagógica de leitura compartilhada que permite a reflexão em conjunto sobre o texto lido, foi utilizada como instrumento fundamental para a execução desta primeira etapa. Ela é conceituada por Corrêa (2014), no Glossário CEALE, da seguinte forma:

Uma roda de leitura é uma prática pedagógica e cultural relacionada ao ato de ler conjuntamente, muito utilizada com leitores em formação (crianças da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental). Normalmente os chamados mediadores de leitura (professores, contadores de história, bibliotecários e outros profissionais ou pessoas envolvidas com a temática) leem com ou para os demais. Embora comumente seja realizada em círculo – daí o nome de roda –, essa prática admite que os participantes se coloquem em semicírculos ou que fiquem deitados em tapetes ou colchonetes. (...) Trata-se de uma forma de leitura compartilhada. Uma determinada pessoa pode ler enquanto as outras ouvem; pode-se fazer uma leitura dramatizada ou ainda usar outras estratégias de vivenciar o texto, todas são

atividades pertinentes nessa roda de leitura. (...) Em uma roda de leitura são comuns as seguintes atividades: motivação para a leitura, apresentação do autor e da obra, a leitura do texto em si e uma roda de conversa, debate ou discussão sobre a obra lida.

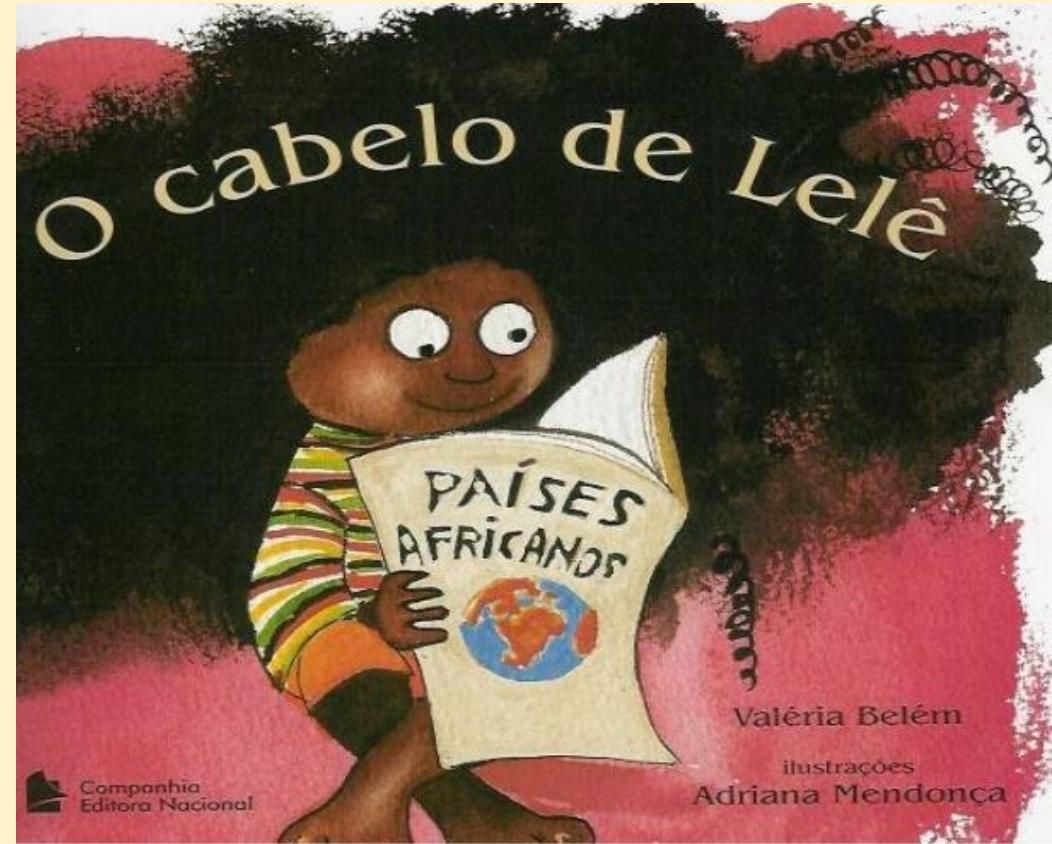
Para a pesquisa foram selecionados sete livros e lidas oito histórias. Elas ficam como sugestões e para além delas, recomendo a consulta ao site [www.100meninasnegras.com](http://www.100meninasnegras.com), da livreira Luciana Bento. Ela criou o site para preencher uma lacuna que vivenciou em sua infância e que observa ainda nos dias de hoje, ou seja, a baixa representatividade de meninas negras nos livros infantis. Luciana selecionou e recebeu sugestões até atingir a meta de 100 livros e continua agregando livros à sua lista. Considero esta iniciativa uma ação criativa e que oferece a possibilidade de atingir um grande número de pessoas, por seu caráter digital.

# Primeiro encontro

É o início de tudo. Neste momento são apresentados os objetivos da oficina, são firmados os combinados entre quem irá dinamizar os encontros e o grupo. É o momento de conhecer os nomes uns dos outros, informar sobre o que é uma roda de leitura, escutar as expectativas e motivações para participar da oficina. Registros escritos podem ser feitos para consulta posterior. Registros de áudio e imagem também, lembrando que é necessário autorização prévia do responsável legal. Neste primeiro encontro também é interessante fazer uma sondagem sobre que livros elas já leram e mais gostaram. É uma forma de conhecer o perfil leitor do grupo, descobrir seus interesses e observar se têm alguma proximidade com a literatura infantil afro-brasileira.

## Segundo encontro

O grupo se dispõe em roda, junto com a dinamizadora. A leitura é feita por ela, enquanto vai mostrando as ilustrações, pois nos livros infantis elas têm papel muito importante e contam a história junto com o texto. A história lida neste encontro foi “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém, ilustrações de Adriana Mendonça .



Lelê não gosta de seus cabelos. Não entende de onde vêm tantos cachos, porque têm cabelos tão cheios e volumosos. Inquieta com suas perguntas, vai procurar nos livros as respostas para elas. Num livro em cuja capa se lê Países africanos, Lelê descobre que seus cabelos são a herança de um povo que atravessou o Atlântico para viver um grande período de lutas e resistência, uma trama que se constrói a partir de histórias de

vida, guerras, morte e amor no enrolado dos cabelos. Assim, Lelê, ao tomar conhecimento sobre sua história, assume seus cabelos e passa a gostar do que vê no espelho. Passa a fazer inúmeros penteados diferentes e consegue encantar os outros e a si própria.

Após a leitura, elas foram convidadas a conversar sobre o que acharam da história. Esta solicitação tanto pode ser feita de maneira livre, abrindo para uma discussão que será desenvolvida a partir dos interesses e das observações do grupo, como pode ser conduzida pela dinamizadora, através de perguntas que remetam ao texto e às ilustrações:

Vocês gostaram da história?

Não gostaram? Por quê?

Que partes da história chamaram mais a atenção de vocês?

O que fez Lelê gostar do que via no espelho?

O que vocês sabem sobre a África?

De um modo geral, esta foi a dinâmica desenvolvida na primeira etapa da pesquisa:

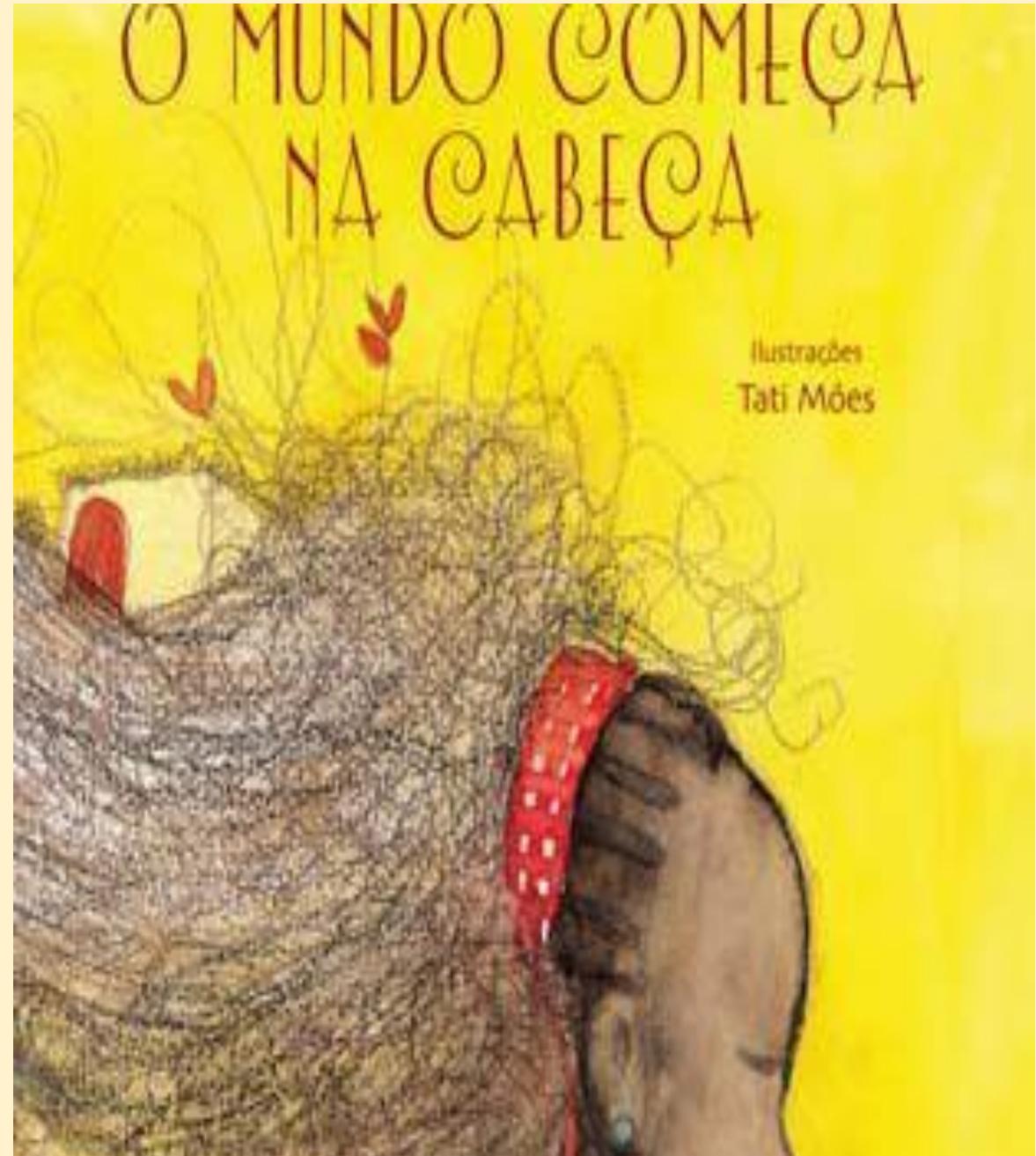
- A leitura da história para as meninas;
- a escuta das impressões sobre a história;
- a provocação a partir de perguntas relacionadas ao texto e às ilustrações.

É importante que a dinamizadora fique atenta à fala das meninas, percebendo o que é dito, como é dito e evite que a discussão se disperse. Permita que o grupo folheie o livro, se assim quiserem, pois ajuda a destacar algum trecho importante. Preste atenção também nas relações que o grupo pode fazer entre o que é discutido ali e o que percebe no seu entorno e o que consome como entretenimento. Boas reflexões podem sair daí.

## Terceiro encontro

A história “O mundo começa na cabeça”, de Prisca Agustoni, ilustrado por Tati Moés, foi lida neste encontro.

Minosse é uma menina de 10 anos que vive numa casa grande, onde também moram sua mãe, irmã e irmão mais novos, avó, tias e tio.



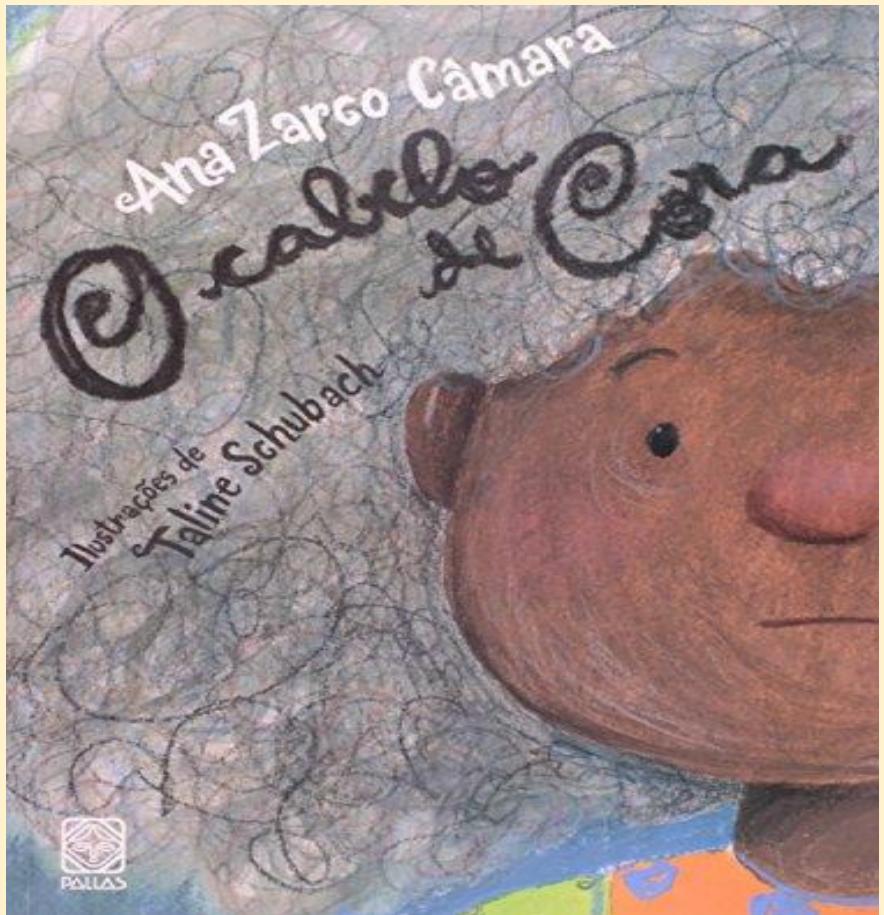
Uma família grande na qual as mulheres cumprem, na hora do banho, a tradição de cuidarem dos cabelos umas das outras. As cabeças são adornadas por penteados trabalhados e ricos acessórios. É um ritual de empoderamento e de valorização das origens. É uma narrativa delicada que vai associando o cabelo feminino à raiz da árvore, que é o lugar onde tudo começa.

Minosse vai se dedicando a aprender a pentear a si mesma e às mulheres de sua família, descobrindo novos penteados, tocando com cuidado e reverência os cabelos que contam as histórias de seus ancestrais, que tecem histórias e que fazem lembrar que o pensamento e a beleza começam e terminam na cabeça.

## Perguntas pertinentes sobre a história que podem ser feitas para suscitar a discussão:

- Repararam que a autora relacionou cabelo e raiz? Raiz de quê? De árvore? De cabelo? Do lugar que a gente veio - nossas raízes?
- Nas ilustrações, casa árvore, raízes e cabelo estão relacionados. Por quê?
- Quem cuida do cabelo de vocês? É uma experiência boa? •
- Minosse e as outras mulheres da casa, os cabelos, os penteados eram muito importantes. O que vocês acham disso?

# Quarto encontro



A narrativa em quadrinhas, escrita por Ana Zarco Câmara e ilustrada por Taline Schubach, conta a história de Cora, uma menina que um dia ouviu de sua amiga Míriam que ela deveria manter sempre os cabelos presos por uma fita, pois soltos, eles estavam sempre desarrumados, pois eram crespos e cheios.

A amiga disse à Cora que ela era boazinha, mas seus cabelos eram ruins, cortando o coração da menina, que vai pedir ajuda de sua tia Vilma, cujos cabelos são cheios iguais ao dela. Tia Vilma diz que cada pessoa tem sua beleza própria, que não existe um modelo a ser seguido e que elas se parecem com a avó da Cora, que era uma negra de cabelos cheios como o delas. Cora faz as pazes com seus cabelos e sua amiga acaba lhe pedindo desculpas pelo que disse sem pensar que poderia estar magoando Cora.

Perguntas pertinentes sobre a história que podem ser feitas para suscitar a discussão:

- O que vocês acham que motivou a amiga de Cora, a Mírian, falar para ela prender os cabelos com uma fita?
- Será que ela não queria que Cora fosse motivo de piadas?
- Mas ela poderia fazer isso de outro jeito?
- Ou ela também se incomodava com o cabelo de Cora?
- Que argumentos tia Vilma usou para Cora voltar a gostar de seus cabelos?

## Quinto encontro



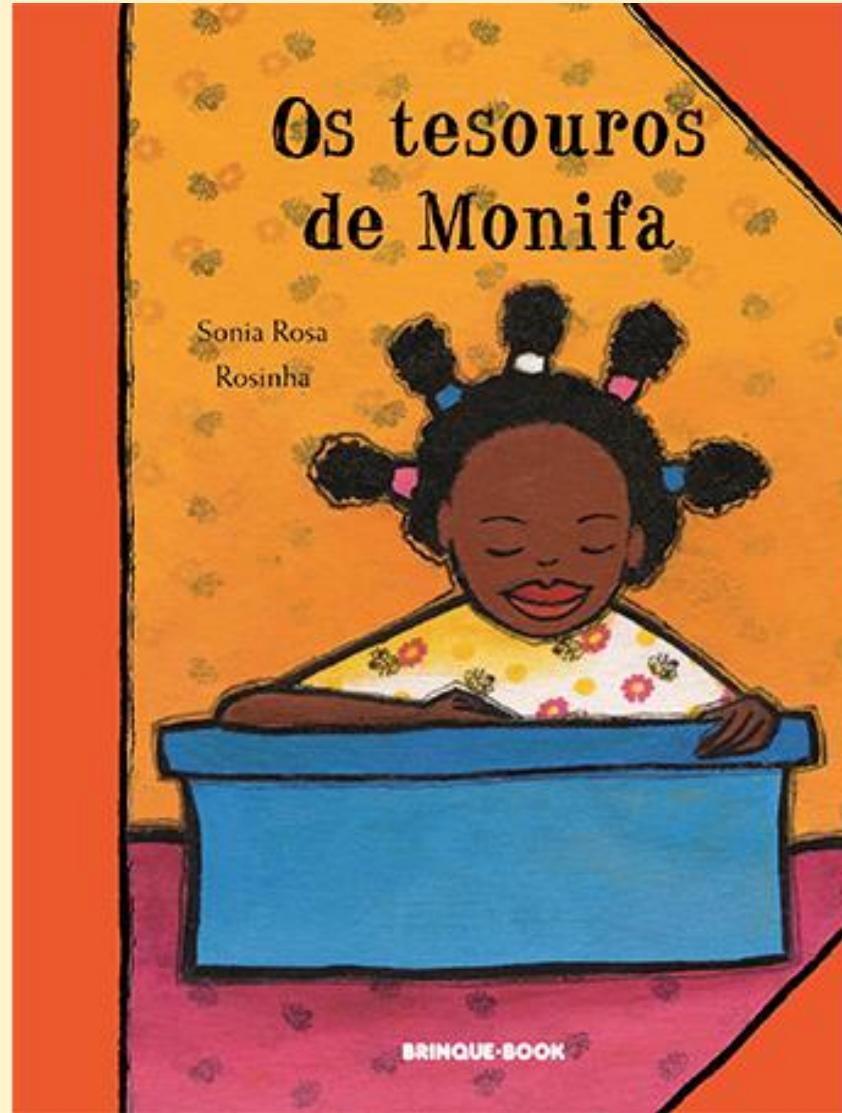
Escrito por bell hooks e ilustrado por Chris Raschka, o livro é uma fala afetuosamente endereçada às meninas de cabelo crespo. A autora afirma que o cabelo destas meninas não precisa ser modificado, domado, se transformar em alguma coisa que ele não é. Convida as meninas a brincarem com seus cabelos e não aceitarem que a textura de seus cabelos seja motivo de vergonha e negação. Ao contrário, é o cabelo crespo que as torna rainhas!

## Perguntas pertinentes sobre a história que podem ser feitas para suscitar a discussão:

- O livro mostra vários penteados, bem exóticos. O que acharam?
- Por que vocês acham que a autora associou o cabelo crespo a ser rainha, ou ter cabelos de rainha?
- Por que vocês acham que a autora escreveu esta história?
- O que é cabelo ruim? Já ouviram esta expressão? O que acham?

## Sexto encontro

Sônia Rosa escreveu e Rosinha ilustrou esta história, onde uma menina recebe de sua mãe e de sua avó Abigail um tesouro que passou por várias gerações dentro da família: uma caixa onde estão guardados os tesouros de Monifa, a tataravó da menina que foi trazida da África para ser escravizada em terras brasileiras.



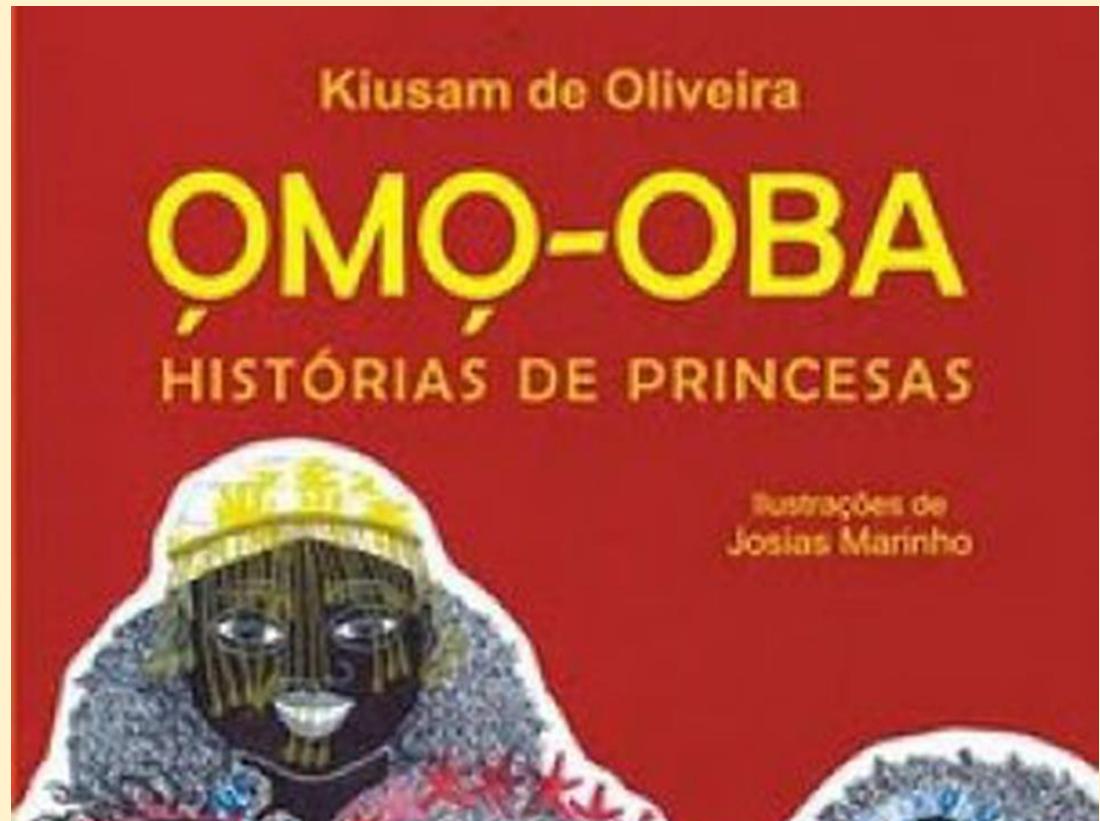
Monifa, cujo nome significava “eu tenho sorte”, aprendeu a ler e escrever com seus senhores e aproveitou para deixar registradas suas lembranças, suas alegrias e tristezas, as rezas que conhecia, as trovinhas que criou, um rico acervo que guarda em si a força de um povo que resistiu às vicissitudes e conseguiu deixar a marca de sua história.

Perguntas pertinentes sobre a história que podem ser feitas para suscitar a discussão:

- Por que vocês acham que a caixa com os tesouros ia mudando de cor?
- O que vocês sabem sobre os africanos que vieram ser escravizados aqui no Brasil?
- Na carta, Monifa escreve “meus filhos e filhos dos meus filhos, as raízes de vocês estão na África!”. O que ela quis dizer com isso?
- Por que Monifa diz que os tesouros são de todos os brasileiros?
- Vocês têm parentes estrangeiros? De que países?
- Vocês descendem de africanos escravizados no Brasil? O que acham disso?

## Sétimo e oitavo encontros

O livro selecionado foi “Omo Obá - histórias de princesas”, de Kiussam de Oliveira e Josias Marinho. Das seis histórias que compõem o livro, o grupo que participou da pesquisa escolheu Oxum e seu mistério e Oiá e o búfalo interior. A primeira foi contada no sétimo e a segunda no oitavo encontro.



Neste livro, a autora conta seis histórias onde apresenta algumas orixás meninas e suas características principais que a autora julga serem importantes para o empoderamento de todas as meninas. Ela reconta histórias das tradições africana e afro-brasileira. Foram utilizadas na pesquisa Oxum e seu mistério e Oiá e o búfalo interior. A primeira conta sobre Oxum, orixá das águas doces, que usou da dança, de sua beleza e de seu encanto para convencer seu

amiguinho Ogum a retornar para sua aldeia e voltar a exercer seu ofício de ferreiro. A segunda fala sobre a descoberta que Ogum faz ao brincar com Oiá. Volta e meia ela se afastava e depois reaparecia sem falar sobre o que estava fazendo. Ele, então, descobre que ela pode se transformar num búfalo. Ela conta para ele que toda menina, toda mulher tem um animal selvagem sagrado que, em algumas circunstâncias, pode se libertar.

## Perguntas pertinentes sobre as histórias que podem ser feitas para suscitar a discussão:

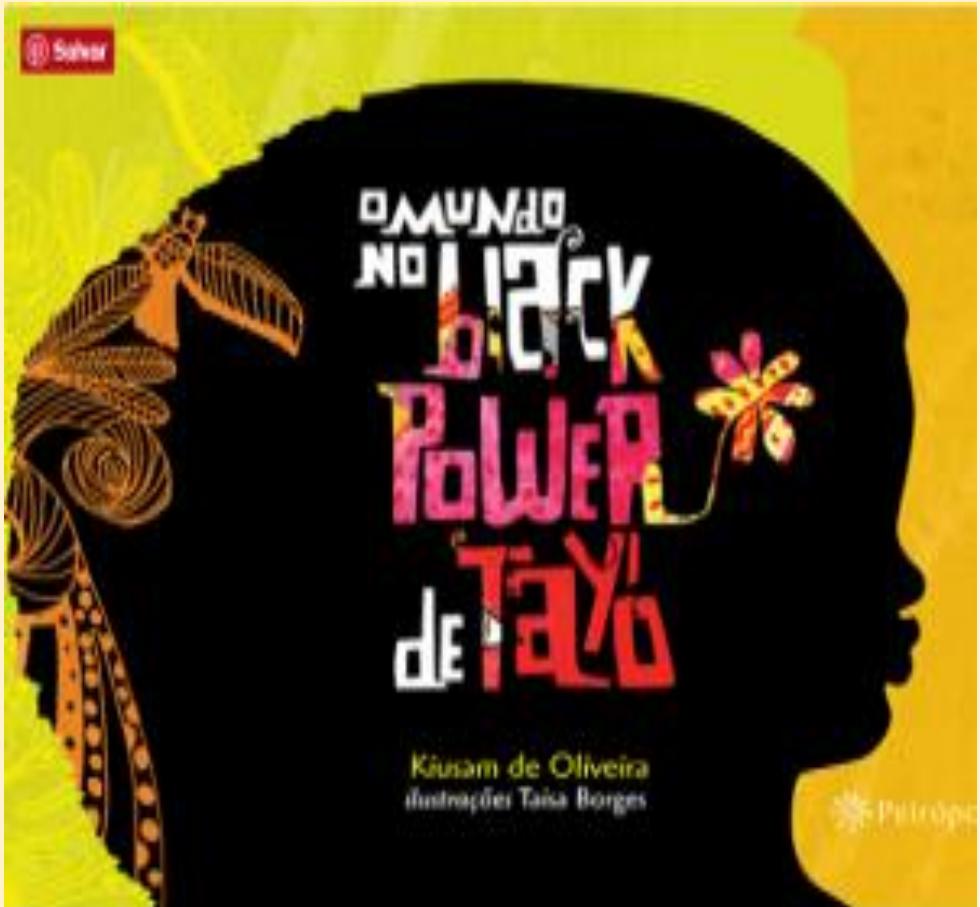
- Como Oxum conseguiu convencer Ogum a voltar para a cidade e ajudar as pessoas?
- Oxum usou da força física? Quais foram as suas “armas”?
- Existe mais de um jeito de se conseguir alguma coisa?
- Oiá tinha um animal interior e a autora diz que toda menina também tem dentro de si a força de um animal selvagem sagrado. O que vocês entendem disso?
- Qual seu animal interior?
- Quais as semelhanças e as diferenças entre Oxum e Oiá?
- Repararam que Oxum, Oiá e as outras orixás meninas são bem negras? O que acharam disso?

Nestas duas histórias em especial temos a chance de conversar sobre a visão negativa que muitos têm sobre as religiões de matriz africana. É importante salientar que a forma como a cultura, a religião, a História dos povos africanos são percebidas no Brasil está diretamente ligada ao preconceito racial.

É aconselhável que a dinamizadora busque algum conhecimento prévio sobre as religiões de matriz africana para colaborar na discussão e não acabar reforçando preconceitos e estereótipos, tendo em mente que ela estará apresentando um pouco da cultura de um dos povos formadores da sociedade brasileira e não professando uma religião.

## Nono encontro

A história a ser lida é “O black power de Tayó”, a qual também foi escrita por Kiussam de Oliveira. Neste encontro é importante lembrar que esta é a última história será contada e que, a partir de agora, vamos nos preparar para a próxima etapa da oficina.



Tayó é uma menina de seis anos bonita e delicada que se sente muito poderosa com seus cabelos crespos e cheios, seu black power. Eles são cuidados por sua mãe e enfeitados com flores, borboletas e fios de lã. Se alguém critica seus cabelos, ela vai buscar refúgio no amor da mãe e em sua ancestralidade, certa de que traz um mundo de histórias sobre a cabeça e de que seus cabelos são a sua coroa. Ela se acredita princesa, como todas as outras meninas são.

Perguntas pertinentes sobre a história que podem ser feitas para suscitar a discussão:

- Como Tayó enfrenta os comentários racistas de seus colegas?
- Por que Tayó relaciona seus cabelos com o mundo?
- Vocês sabem o que significa black power?
- Conhecer nossas origens africanas ajuda a combater o racismo? Por quê?

# 2<sup>a</sup> etapa – A criação do texto literário

*Eu achei que foi super legal, estar aqui com as meninas, poder liberar o sentimento e eu aprendi que toda menina é bonita, não importa a cor da pele, o cabelo... Pâmela*

*Minha mãe sempre disse, não é pra você ligar para o pensamento dos outros, o que importa é o seu pensamento. Rayssa*

## Décimo encontro

Neste encontro, a dinamizadora dispõe sobre uma mesa todos os livros que foram lidos e pede para o grupo de meninas irem até eles, folhearem e escolherem qual ou quais mais gostaram, justificando suas respostas. Depois de um tempo, as meninas são convidadas a sentarem em roda e a dinamizadora vai anotando numa

folha de cartolina grande, para facilitar a visualização.

Nome	História preferida	Por quê? O que aprendeu?

A dinamizadora faz uma ilustração por elas, com uma retrospectiva dos objetivos da oficina e reforça que, para além das reflexões que elas podem levar na lembrança e transmitir a outros e outras, também seria interessante pensar no que pode ser feito para materializar, para deixar a terceiros como registro, como uma contribuição contra o racismo. A dinamizadora pode sugerir a criação de um livro escrito e ilustrado por elas, com uma proposta antirracista, para ajudar outras meninas negras a se empoderarem, da mesma forma que as autoras dos livros lidos nas rodas de leitura. O encontro encerra com o pedido de que as meninas pensem numa história que gostariam de escrever que reunisse um pouco do que elas pensaram e aprenderam ao longo das rodas de leitura.

# Décimo primeiro e décimo segundo encontros

Esta etapa da oficina demanda escuta e capacidade de diálogo, para que se atinja o objetivo de criar uma história coletiva que contemple as expectativas do grupo de um modo geral, em que todas sintam-se representadas e se identifiquem com o produto final.

Após cada menina falar sobre a sua ideia, o passo seguinte é criar uma história única, que reúna as contribuições. A função da dinamizadora é mediar e organizar as ideias, oralmente ou através da escrita em uma cartolina grande, blocão ou similar.

Mas a dinamizadora não precisa escrever a história integralmente, apenas os tópicos principais, pois a escrita será feita no passo seguinte. Quando a dinamizadora e o grupo estiverem satisfeitos com o texto coletivo, cada menina individualmente deve escrever esta história conjunta com suas palavras. Elas podem acrescentar alguns detalhes para enriquecer a história, mas não podem descaracterizar o que ficou combinado em grupo. Esta tarefa pode demandar de um a dois encontros.

# 3<sup>a</sup> etapa - A confecção do livro

*Tia, uma menina um dia me falou: você não tem que se incomodar com as pessoas se elas te zoam, porque pelo menos sua mãe te fez bonita. Ficar zoando as pessoas pelas cores. Eu não sou racista, mas tem gente assim que é branca, que é rica, que se acha... a gente não pode julgar, mas também não é obrigada a gostar das pessoas. Mas se não gosta da gente, a gente deixa de lado.* Thayssa

*Tem racismo na pele, mas não é só na pele não, é no cabelo também, só que a gente pode mostrar a diferença, ser do jeito que eu quero ser e tô nem aí pra ninguém.* Tini

## Décimo terceiro encontro

Entre este encontro e o anterior, a dinamizadora fará uma compilação dos textos das meninas, aproveitando suas próprias palavras para escrever o texto literário único que vai reunir a contribuição de todas elas. Dependendo da faixa etária do grupo e de sua disponibilidade, esta parte do processo pode ser feito em conjunto com as meninas.

Após a aquiescência do grupo, passamos para a feitura das ilustrações. A dinamizadora pedirá que, individualmente ou em dupla, as meninas escolham uma parte da história para ilustrar. Todos os desenhos serão aproveitados. Será necessário material para desenho.

Vale a pena utilizar caixas de lápis coloridos que façam referência às diversas cores de pele, afinal, o conhecido lápis rosa claro apenas contempla e toma como modelo as pessoas de pele branca. Os desenhos que compõem a capa foram feitos pelas meninas. São a representação da protagonista da história criada pelo grupo.

Buscamos encontrar uma unidade, mesclada à diversidade do traço de cada uma. Após as ilustrações feitas, começou o trabalho de formatação do texto e das ilustrações. Esta tarefa pode ser executada apenas pela dinamizadora ou pelas meninas com sua supervisão. A escolha vai depender dos recursos disponíveis e do conhecimento das meninas para a tarefa.

# Décimo quarto encontro

Este é o último encontro, quando o livro será apresentado ao grupo. Antes de mais nada, é importante fazer uma avaliação com o grupo:

- O que acharam das histórias? Das rodas de leitura? Do processo de criação do livro?
- O que acha que aprendeu com esta oficina?
- Você se sente mais preparada para enfrentar e combater o racismo?

Esta avaliação pode ser feita no último encontro ou no anterior, dependendo de como será a conclusão da oficina. Se é intenção do grupo e da dinamizadora compartilhar com outras pessoas este momento, é aconselhável que a avaliação seja feita no encontro anterior, pois é uma atividade mais introspectiva, que só faz sentido para quem participou de todo o processo.

A publicação do livro pode ser feita de maneira simples, impresso e encadernado, em exemplar único ou com algumas cópias, ou utilizar-se de recursos mais elaborados, como publicação em pequena tiragem. Seja como for, o essencial é que as meninas se reconheçam no produto final e sintam-se orgulhosas de comunicarem entre si e junto às pessoas que elas valorizam esta vivência de empoderamento identitário e reflexão.

A seguir, apresento como foi a conclusão de nossa pesquisa, para compartilhar o que nos foi caro e motivar outros educadores a multiplicarem ações como esta.

# Para concluir... e continuar.

*Aprendi que não pode fazer bullying. Valentina*

*Eu gostei porque vi que a gente pode ajudar outras meninas que se acham feias e sofrem racismo por causa disso e achei muito legal, a gente compartilha sentimentos... Violeta*

Como não conseguimos apoio para uma publicação editorial em pequena tiragem ou para impressão em gráfica, o texto e as ilustrações foram diagramados, impressos e encadernados numa papelaria. Foram feitas cópias para as meninas, uma para cada, para a Sala de Leitura da escola, para o Programa do Mestrado - PPGEB/CAp-UERJ, para a pesquisadora e sua orientadora.

Foi preparada uma outra autorização, na qual era pedida a permissão dos responsáveis para que os nomes verdadeiros das meninas saíssem no livro e estritamente nele. Os livros só poderão ser reproduzidos com a autorização da pesquisadora. Afinal, dentro da proposta de educação antirracista de empoderamento das meninas, de autoria diante daquela ação de combate ao racismo, era

importante que elas fossem identificadas diante de seus pares.

Fizemos uma reunião na Sala de Leitura convidando as turmas das meninas, suas professoras, a direção da escola, os responsáveis das meninas e a orientadora da pesquisa. A pesquisadora fez uma breve apresentação da investigação, sua proposta e seu desenvolvimento e fez a leitura do livro “O amor impossível de Juliana?”, título que também foi fruto da criação coletiva. A diretora e a orientadora também falaram, ressaltando a importância da pesquisa como uma ação educativa e antirracista.

Questionadas se alguma das meninas queria falar, Tini tomou a frente e disse, com a simplicidade e potência que a caracterizam:

- Hoje em dia, ainda fazem muito racismo com a gente.

Eles acham que isso é bonito, mas não é, isso é muito feio. Cada menina foi presenteada com uma caneta, num simbolismo de que tomem suas vidas nas mãos e sejam as autoras de suas próprias histórias.

## Referências bibliográficas

BENTO, Luciana - 100 livros infantis com meninas negras. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://100meninasnegras.com/> Acesso em: 15/04/2019.

BRASIL - Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm) Acesso em: 27/03/2019.

SOUZA, Ana L. S. & PIRES, Rosane & LISBOA DE SOUSA, Andréia - AfroLiteratura Brasileira: O que é? Para que Serve? Como Trabalhar? Subsídio - uma ideia para o dirigente municipal de ensino. São Paulo: Gruhbás, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG - Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) - Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/roda-de-leitura> Acesso em: 22/04/2019.

## Anexo

# Sugestões bibliográficas para estudos sobre relações étnico-raciais, interseccionalidade e literatura infantil afro-brasileira

AKOTIRENE, Carla - O que é interseccionalidade?. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BERNARDINO-COSTA, Joaze e GROSFOGUEL, Ramón - Decolonialidade e perspectiva negra. Revista Sociedade e Estado, volume 31, nº 1, p. 15-24, janabr, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-310100015.pdf> Acesso em: 09/04/2019.

BRASIL - Conselho Nacional de Educação - Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf> Acesso em: 26/04/2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação - Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC/SECAD; SEPPIR, jun. 2009.

COSTA, Ana A. A. - Gênero, poder e empoderamento das mulheres. A química das mulheres. Salvador, 2004. Disponível em: <https://pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2012/02/5-empoderamentoanaalice>. Acesso em: 23/04/2019.

CRENSHAW, Kimberlé - A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. [20--] Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw>. Acesso em: 09/04/2019.

FANON, Frantz - Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria N. S. - Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder a esta polêmica? In: SOUZA, Forentina e LIMA, Maria N. (org.) - Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GOMES, Nilma Lino - Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. Cadernos Pagu, nº 6-7, p.67-82, 1996. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862/1983>. Acesso em: 09/04/2019.

\_\_\_\_\_ - O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_ - Relações étnico-raciais, Educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, p. 98-109, jan/abr 2012. Disponível em:  
<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf> Acesso em 09/04/2019.

HENRIQUES, Ricardo – Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na Educação. Brasília: UNESCO, 2002.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina – Literatura infantil brasileira: histórias & histórias. São Paulo: Ática, 2009.

MIRANDA, Cláudia e RIASCOS, Fanny M. O. – Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista. Educação em foco, vol. 21, nº 3, p.545-572, 2016. Disponível em:  
<https://educacaoemfoco.ufjf.emnuvens.com.br/edufoco/article/view/3186/106> Acesso em: 14/04/2019.

**PEREIRA, Luena N. N. - Literatura Negra Infanto-Juvenil: Discursos afro-brasileiros em construção. Interseções, volume 18, nº 2, p. 431-457, dez. 2016.** Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/26576/19108> Acesso em: 09/04/2018.

**SILVA, Petronilha B. G. - Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.**

**SOUSA, Andréia Lisboa - Representação afro-brasileira em livros Paradidáticos. LITERAFRO** Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigosteorico-criticos/51-andreia-lisboa-desousa-representacao-afro-brasileira-emlivros-paradidaticos>. Acesso em: 09/04/2019.

**SOUZA, Forentina e LIMA, Maria N. (org.) - Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.**